


# MANUEL VINHAS HISTÓRIA DE UM MECENAS

Foi provavelmente o empresário mais vigiado durante o regime de Salazar. Era um dos grandes acionistas da Central de Cervejas, enquanto geria várias outras empresas. Foi dono da Cuca, em Angola, da Laurentina, em Moçambique e da Skol, no Brasil. A PIDE seguia-lhe os passos. Era uma voz incómoda para a ditadura, porém, convivia de perto com os homens do Estado Novo.

Angola era a sua paixão e era lá que queria começar a mudança

 ISABEL LINDIM\*

BOLSA  
DE INVESTIGAÇÃO  
DA FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

# M

Manuel Vinhas nasceu em 1920, no mesmo ano de Amália Rodrigues, e tal como a fadista, de quem era amigo, conseguiu contornar o regime fascista à sua maneira. Em 1964, os dois juntaram-se a outros empresários para darem apoio financeiro à construção do Teatro Villaret. O empréstimo foi cedido a Raul Solnado, que mais tarde fez questão de devolver o dinheiro à família. Raul foi um dos seus grandes amigos, assim como Júlio Pomar, Agostinho da Silva ou Cruzeiro Seixas, tudo nomes que fogem ao conluio da ditadura.

Uma das recordações mais emblemáticas da vida de Manuel Vinhas é um serão na sua Herdade do Zambujal, perto de Setúbal, em que Amália Rodrigues e Vinicius de Moraes cantaram e declamaram poemas pela noite fora. Victor Pinto de Sousa, amigo de Manuel Vinhas, foi um dos privilegiados que estiveram presentes nessa ocasião, assim como na festa organizada em setembro de 1968, sob sugestão de Salazar, em resposta a outras duas festas, na Quinta do Vinagre e Quinta Patiño, organizadas por estrangeiros em Portugal, Pierre Schlumberger e Antenor Patiño. Segundo Victor Pinto de Sousa, que teve novamente o privilégio de estar presente, foi a melhor das três festas. Manuel Vinhas sabia receber e sabia fazer diferente. Na Herdade do Zambujal, estrelas como Audrey Hepburn, Givenchy e Capucine beberam vinho em copos de barro e comeram caldo-verde, pormenores rústicos tipicamente portugueses que acharam muito charmosos, tal como o carisma do anfitrião. A festa durou até às tantas, mas Manuel Vinhas retirou-se cedo, como sempre fazia. O Teatro Villaret foi apenas uma das formas de apoio a artistas ou projetos que, de alguma maneira, eram contrários à ditadura. Houve mais. O programa



**De menino a homem** Dos primeiros anos à vida de estudante no curso de Histórico-Filosóficas e a passagem pela tropa

## De seu livre pensamento

Foi a escrita que deu mais voz e que se revelou ser fonte de mais dissabores para Manuel Vinhas. Escreveu *Para um Diálogo sobre Angola*, dedicado a Adriano Moreira e Venâncio Deslandes (ministro do Ultramar e governador de Angola) e editou mais três sobre a nação africana: *Aspectos Actuais de Angola*, *Plano do Luso* e *Conversar Amanhã*, este último com uma dedicatória: "A Agostinho da Silva, o melhor homem que conheço." O livro *Profissão Exilado*, o diário que escreveu no Brasil, editado em 1976, é o seu maior legado afetivo, que faz a ponte entre o Manuel Vinhas descrito pelos seus amigos e o relato íntimo que espelha uma reflexão por vezes filosófica. A elegância da escrita, sem o rancor que seria de esperar de um exilado, é o que mais surpreende neste livro, escrito com a clara intenção de um dia ser lido. Afirma por diversas vezes ser antifascista e anticomunista, e que ambas as posições lhe deram dissabores. O humor está sempre presente, em qualquer das publicações da sua vida.

*Zip-Zip* (gravado no Teatro Villaret pelo trio de entrevistadores Fialho Gouveia, Carlos Cruz e Raul Solnado) foi igualmente financiado pelo mecenas, assim como peças do Teatro da Comuna, com João Mota e Manuela de Freitas à frente do elenco, que tiveram os primeiros ensaios num espaço da Central de Cervejas. Como principal acionista da Sociedade Central de Cervejas, grupo que detinha o setor de várias bebidas, da cerveja Sagres às Águas do Luso e refrigerantes como a Schweppes, Manuel Vinhas passava parte do seu tempo nos escritórios do prédio anexo à Portugália. Muitas vezes convidou amigos para assistirem às peças da Comuna. Foi um dos elementos do corpo-gerente do Centro Português de Bailado, organização referida como sendo de esquerda e subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian. Entre os escritores que admirava, estava Luiz Pacheco, um autor que não assertava o passo, mas com uma escrita que deixava Manuel Vinhas siderado. Durante mais de dez anos, auxiliou-o com dinheiro, renda de casa, livros e até uma máquina de escrever. "Nunca tive nem creio que venha a ter mecenas tão delicado e escrupuloso", escreveu no posfácio do livro *Profissão Exilado*, o diário publicado por Manuel Vinhas no exílio, no Brasil, país onde se refugiou um ano após o 25 de Abril.



FOTOS: DR. ARQUIVO DE FAMÍLIA



**A grande paixão** Maria Alice Carneiro Bustorff Silva, mais conhecida por Concha, com quem se casou e teve oito filhos

Morrer aos 56 anos é deixar uma vida pela metade. Nunca saberemos o que teria feito a partir desse momento, mas sabemos que fez muito. Quem o conheceu diz que tinha uma personalidade única, que era um humanista metódico, com interesses que iam além de acumular milhões. Apesar da sua pequena estatura física, enchia uma sala com a sua graça, a sua maneira de ser.

Parte do seu património e das empresas que detinha foi herdada pela família, mas Manuel Vinhas tinha um talento raro para os negócios. A sua fortuna aumentou com o investimento que fez em diversas empresas. A Sociedade Central de Cervejas era um dos pilares da sua gestão, e foi com este grupo que avançou para a criação da Cuca, em Angola. Tinha por hábito juntar-se a outras empresas ou outros sócios para novos negócios, principalmente em África. Dos pais herdou também a Herdade do Zambujal, entre Setúbal e Alcácer do Sal, onde explorava gado e produzia cortiça, entre outras coisas, num negócio impulsionado em conjunto com o seu irmão Mário.

A história de Manuel Vinhas é a história de uma época, mas é também o legado pouco conhecido de uma figura portuguesa com um espírito de iniciativa muito particular. Não tinha medo de investir em boas ideias, de contratar técnicos valiosos ou avançar para novos negócios, mesmo quando isso implicava um risco inicial dispendioso (característica pouco habitual nos seus conterrâneos, facto do qual se queixava). Era um viajante incansável, um curioso e um devoto à arte. Juntava um imenso talento para os negócios, um interesse pela literatura e filosofia, um espírito intrépido e uma enorme capacidade de comunicação, fosse à mesa de um jantar, num discurso ou na escrita de um livro.

#### **SINAIS DE PENSAMENTO CRÍTICO**

A formação académica de Manuel Vinhas mostra que, desde cedo, não estava alinhado com um modo de vida convencional. Sabia que o seu futuro seria a gerir as empresas herdadas pela família, contudo escolheu o curso de Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras. Porque não Económicas ou Direito, como mui-

tos rapazes da sua geração fizeram? A explicação pode estar na formação do Ensino Primário e Secundário, que se deu no Colégio Infante de Sagres, inaugurado em 1928 por Manuel Silva Leal, uma instituição que trouxe um novo fôlego ao ensino dos alunos que podiam gozar do privilégio de frequentar uma escola privada. Esta era diferente não só pela liderança do fundador como também por ser um colégio misto e pelo conjunto de professores que ali se encontravam. Entre estes estava Agostinho da Silva, que se tornou amigo de Manuel Vinhas para o resto da vida. Terá sido a sua forma de ensinar e incentivar os alunos que direcionou a escolha de Manuel Vinhas para Histórico-Filosóficas. Este colégio, apesar de seguir as regras de um regime que dava os primeiros passos, foi sempre marcado por uma conduta própria.

Foi lá que Manuel Carvalho Brito das Vinhas conheceu Maria Alice Carneiro Bustorff Silva, com quem veio a casar-se. Mais conhecida por Concha, Maria Alice era filha de António Bustorff Silva, um dos mais importantes advogados da época, grande adversário



de Azeredo Perdigão (os duelos entre os dois em tribunal ainda hoje são recordados), e homem próximo de Salazar. Nos primeiros anos de casamento, viveram em casa da mãe e dos avós de Manuel (quando tinha 18 anos o pai morreu, deixando-o à frente dos negócios e como mentor de Mário, irmão oito anos mais novo). A família começou a aumentar (ao todo, tiveram oito filhos) e foram morar para o Estoril, onde Manuel Vinhas chegou a montar uma exposição no jardim. A coleção que desenvolveu incluiu arte antiga e contemporânea. Nomes como Almada Negreiros, Mário Cesariny, Álvaro Perdigão, Vespeira, Josefa de Óbidos, Tomás da Anunciação, Lagoa Henrique, Lima de Freitas, Nikias Skapinakis, Carlos Calvet, Cargaleiro, Domingos Sequeira, Eduardo Nery, Vieira da Silva, Helena Almeida e Paula Rego, entre muitos outros, fazem parte de um acervo que entretanto se desmantelou. Recebia habitualmente artistas no escritório do prédio anexo à Portugália. As visitas eram tão frequentes que os quadros se acumulavam no gabinete, encostados à parede. Mas nem por isso alguma vez recusou receber um artista ou escritor para dar o apoio de que precisavam. A arte foi, desde cedo, a sua forma de insubmissão. Num texto que Manoel Cargaleiro lhe pediu para a abertura do futuro museu de Vieira da Silva e Arpad Szenes, as primeiras palavras são: "Aqui não é a entrada de um museu, mas sim de uma casa ci-

**Vida social** À esquerda e à direita, Audrey Hepburn e Capucine numa festa realizada na Herdade do Zambujal em 1968. Ao centro, Manuel Vinhas, a mulher, Concha, e o filho Francisco

mentada pela sublimação da condição humana, quando em espírito de perfeita liberdade se dedica à gratuidade maravilhosa de criar."

Toda a vida leu e escreveu muito. A biblioteca da sua casa, devidamente catalogada, era uma espécie de templo sagrado onde os filhos podiam entrar e requisitar livros. Grande parte deles chegavam através do dono da livraria Bertrand, que lhe passava edições em francês da Gallimard ou da Hachette.

A grafia do seu nome é oscilante durante o seu percurso de vida e até depois. Num cartão de visita está inscrito Manoel, nos livros que escreveu assina Manuel, muitos dos amigos e

**ORGANIZOU UMA FESTA DE ARROMBA EM 1968 COM INÚMERAS CELEBRIDADES INTERNACIONAIS, POR SUGESTÃO DE SALAZAR**

familiares insistem no o, mas na verdade o próprio sempre usou u, e é por isso que neste artigo se opta pela preferência do biografado.

#### **VIDA EM ANGOLA**

Quando o 25 de Abril chegou, viviam cerca de 400 mil colonos em Angola. Na sua maioria, viajaram para aquele país com o objetivo de terem uma vida melhor. Muitos também para sentirem mais liberdade de movimentos, pois o cerco e a censura não funcionavam de forma tão apertada nos países ocupados. Manuel Vinhas levou os seus investimentos para Angola, por volta de 1950. Os negócios em Portugal estavam estabelecidos no setor das bebidas e queria expandir. A primeira empresa a formar foi a Companhia União de Cervejas de Angola – CUCA –, juntamente com os sócios da Central de Cervejas portuguesa. Antes disso, em Angola, a cerveja era importada, mais cara, por isso a Cuca foi um sucesso imediato.

Ao todo, Manuel Vinhas criou cerca de 50 empresas naquele país (além dos investimentos em Moçambique, Congo e Brasil), da cerveja à pecuária, das garrafas de vidro e cápsulas à fábrica de ração animal e produção de caixas de cartão (quase tudo na zona industrial de Cazenga). Tinha uma fazenda de maracujá, que vendia como concentrado de polpa, uma plantação de abacaxi, que transformava em vinho, e chegou a cultivar vetiver, uma



CEDÊNCIA DE TÂNIA PEREIRINHA

raiz para fazer água de colónia. Em 1970 juntou-se ao grupo Neográfica, e passou a estar também no mundo das publicações, com as revistas *Noite e Dia* e *Notícia*, com edição angolana e portuguesa, da qual a jornalista Edite Soeiro foi diretora. Foi um dos fundadores do Banco Comercial de Angola (que ergueu o edifício mais alto das colónias, finalizado em 1967), e do Banco Inter-Unido. Ficou por realizar o seu Plano do Luso, uma exploração em um milhão de hectares, para a qual os outros proprietários não quiseram dispor de tanto investimento em estudos e segurança, visto o território já estar sob fogo cruzado.

Hermínio Escórcio foi uma das pessoas que conviveram com ele em Luanda e conta-nos: “Para mim foi o melhor industrial e melhor investidor que Angola teve, de todos os tempos, até hoje. Ainda não apareceu ninguém como ele. Sabia investir. E era um homem extrovertido, que gostava de viver a vida.” O ex-diplomata acha mesmo que “Angola precisava de mil Manuel Vinhas”. Até na aparência era diferente, lembra Escórcio. Vestia-se de linho, usava calções e sandálias, nada de gravatas no seu dia a dia, como os outros empresários.

As festas que deu em Luanda ficaram conhecidas, principalmente as que aconteciam numa casa do Morro da Luz. Dionísio Rocha foi um dos amigos de Manuel Vinhas entrevistados para esta pesquisa, em Luanda, no início de

## Mecenato gastronómico

Era conhecido o gosto gourmet de Manuel Vinhas. Os filhos têm inúmeras recordações de episódios que giram à volta de experiências de mesas recheadas de iguarias. Comer e beber era um prazer que gostava de partilhar com a família e os amigos. Seria talvez essa uma das razões mais fortes para os encontros festivos que organizava, já que se retirava cedo, enquanto a noite se alongava com os restantes convidados. Foi de Paris que veio um contingente de cozinheiros com Estrelas Michelin, para uma super-refeição que se realizou na Herdade do Zambujal, e foi de Paris que veio a equipa que confeccionou um jantar para 400 pessoas no Grémio Literário, quando o seu amigo Victor Pinto de Sousa dirigia a instituição. Foi também Victor que um dia estava sentado no restaurante Tavares Rico, a almoçar “com uns estrangeiros das cervejas”, e um dos funcionários da casa, um rapaz que recolhia os pratos das mesas, lhe dirigiu umas palavras, para saber “se lá na cervejeira” alguém o podia ajudar a “comprar uma cota que estava à venda”. A resposta foi “se a Central de Cervejas não quiser, eu faço pessoalmente”. Manuel Vinhas emprestou o dinheiro a Fernando Lopes, que se tornou a cara mais emblemática do Tavares durante as décadas seguintes.

2020. O músico participou em vários desses eventos, em encontros mais íntimos, com voz e violão, ou em festas de arromba. Era um dos elementos da banda *Negoleiros do Ritmo*. Em 1964, viajou com Manuel Vinhas para Portugal, para tocar no festival de Santa Marta de Portuzelo, em Viana do Castelo. Manuel costumava deslocar-se de avião, mas dessa vez foi pelo mar, com uma equipa grande. “Nesse navio fomos todos na mesma onda. A figura principal era a Alba Clinton, mas foi também o Geraldo Morgado, um grupo de marimbeiros e bailarinas”, conta Dionísio. Voltou a Portugal com Manuel Vinhas noutras ocasiões e foi também com ele para o Brasil, em 1966, para ver o Carnaval do Rio de Janeiro. Foi assim que trouxeram Martinho da Vila pela primeira vez a Angola (mas uma vez patrocinado pela Cuca).

A par dos negócios, a arte também foi ganhando espaço na vida de Manuel Vinhas em Angola. E não estava sozinho nesta busca pela criatividade. Uma das suas companhias em Luanda era Artur Cruzeiro Seixas, pintor surrealista que viveu ali até 1964 e com quem o empresário mantinha o sonho de criar um museu. Manuel Vinhas não só levou muitas peças de arte para Angola como comprou outras lá, algumas de arte tradicional africana. E organizou inúmeras exposições de arte, com o patrocínio da Cuca. A historiadora Raquel Henriques da Silva tentou, em 2013, localizar o acervo disperso, mas encontrou apenas 21 pinturas em diferentes locais (que não indicavam ser de Manuel Vinhas, mas que podem ter sido doadas por ele). Em 2020, continua por localizar a coleção, não havendo conhecimento desta por parte do Ministério da Cultura angolano.

## EMPRESÁRIO HUMANISTA

A Cuca “era um emprego muito apetecível, remuneravam bem os funcionários”. A frase é de Ribeiro Cristóvão, conhecido em Portugal como locutor da Rádio Renascença e homem ligado ao desporto desde sempre. Trabalhou durante 16 anos na Cuca de Huambo (Nova Lisboa), nos serviços administrativos e como promotor de vendas. “Não tenho dúvida de que ele era o principal impulsionador de todas as medidas na empresa”, conta, “ele compensava as pessoas”.

Uma das melhores memórias desse tempo é a criação do orfeão da Cuca em Nova Lisboa, um grupo com 40

## A carta aberta que nunca chegou a ver luz do dia

Manuel Vinhas não queria envolver-se em política, mas não tinha como escapar às suas tramas. Se, por um lado, continuava fiel às ideias de autodeterminação de Angola, por outro, mantinha encontros com a alta esfera do governo. Quando Marcelo Caetano subiu ao poder, Manuel Vinhas, tal como muitas outras pessoas, teve esperança num novo começo. Um dia, quando se juntou a Américo Tomás para uma caçada, este pediu-lhe que expressasse publicamente o seu apoio a Marcelo Caetano (logo após este assumir o cargo, em 1969).

Raramente falavam de política, porque "os pontos de vista quanto à condução de Portugal eram bem diferentes". No entanto, quis aproveitar o momento e seguir a sugestão: "Entendi que não me devia esquivar, pois era até uma oportunidade, em que o sistema político não era muito pródigo, de dizer, em voz alta, o que muitos de nós então pensávamos." O documento era assinado por 829 portugueses "de todas as profissões, das mais diversas origens", entre eles José Manuel de Mello e Francisco Pinto Balsemão. Manifestavam a sua intenção de defenderem um futuro com uma democracia mais ativa, "um urgente aumento de nível de vida dos mais necessitados" e "respeito pelo homem". Demonstravam vontade de ter uma "revolução desejável evitando uma tragédia indesejável."

O conteúdo não era o esperado pelo Chefe de Estado Américo Tomás, considerou que a publicação "não era oportuna", apesar da concordância de Marcelo Caetano. A leitura perante a Imprensa foi cancelada. Sobre este episódio, Manuel Vinhas remata: "Dentro da regra de ouro da nossa convivência nunca do assunto falei ao almirante Américo Tomás porque sabia de antemão que os nossos pontos de vista eram inconciliáveis." Afinal, o sistema político continuava fechado a opiniões.



**Família Manuel Vinhas e a mulher, Concha, com os oito filhos e o namorado da filha mais velha. Em baixo, explica aos filhos a geografia de Angola**

elementos, fundado em 1959. Ribeiro Cristóvão ainda guarda as músicas e as capas do disco de originais, gravado em 1965 em Lisboa, para onde todo o conjunto se deslocou. Lembra-se também de fazer os relatos dos jogos de futebol organizados pela Cuca.

A vida em Angola não era fácil para os africanos de pele escura. O recrutamento para a Cuca não distinguia salários pela cor, por isso era dos locais mais ambicionados para trabalhar por toda a população. Agostinho Matos entrou na Cuca com 16 anos, em 1967, primeiro como telefonista, depois na área de contabilidade, e lá permaneceu até 1978. Era muito jovem quando teve de começar a trabalhar. "A medida que fui conhecendo a vida, fui vendo que Manuel Vinhas já via longe naquela altura. Enquanto outros tinham vontade de acumular, ele fazia as coisas na perspetiva de valorizar o homem, as pessoas com quem ele trabalhava. Havia todos os níveis, de motoristas a engenheiros."

Além das regalias salariais e das cotas de mérito, os funcionários do grupo da Cuca tinham médicos e enfermeiras ao dispor na fábrica para toda a família. Havia uma creche, uma biblioteca e



um campo de ténis. Havia uma bolsa de estudos da Cuca, que permitia a formação noutros países. No Rádio Clube do Huambo havia o programa bilingue *Hora Cuca*, em português e umbundu. Todos os anos, o aniversário da empresa celebrava-se a 26 de abril em Luanda e a 1 de maio em Nova Lisboa (Huambo), data que disfarçava a celebração do Dia do Trabalhador. Manuel Vinhas não falhava um aniversário, e tinha um presente especial para os funcionários que cumpriam cinco, dez ou 15 anos de casa, um pin em ouro com o logo da marca, além do



DR. ARQUIVO DE FAMILIA



envelope com um salário extra que era entregue a todos os que trabalhavam na fábrica, sem exceção. A festa era normalmente animada por Renato Lima. Conta-se que os contingentes de soldados tinham sempre uma recepção nos primeiros dias em Angola, uma maneira de lhes apresentar a bebida. Esta podia ser considerada uma das formas de marketing, assim como os torneios de futebol.

Manuel Vinhas era um desportista. Até a PIDE referia frequentemente esse facto nos relatórios que podemos ler hoje. Fez parte da direcção do



**PIDE** Em 1963, Manuel Vinhas foi interditado de viajar para fora do País. À direita, o anúncio que o indicava como financiador do MPLA

Sporting, praticava ténis regularmente e promovia várias atividades nas fábricas. Ainda hoje, quando se fala da Cuca às gerações mais velhas de Luanda, o primeiro pensamento é para os torneios. As finais chegaram a ter 30 mil pessoas a assistir, no estádio dos Coqueiros, em Luanda.

Justino Fernandes é um dos homens desde sempre ligados ao desporto em Angola. Veio a Portugal jogar com a equipa angolana no início da década de 60, em Coimbra. Perderam porque os campos eram relvados e “estavam habituados aos campos pelados, por isso escorregávamos”, conta o jogador, que entretanto, nessa ocasião, já em Lisboa, foi convidado a discursar num jantar de confraternização no Benfica. Foi assim que, entre os ouvintes, estava Manuel Vinhas, que ao chegar a Angola o chamou para trabalhar na Cuca como promotor de vendas: procurava sempre bons oradores para essa função. “Era uma benesse ser trabalhador da Cuca, porque tinha melhores condições e vencimentos”, contou-nos Justino em janeiro de 2020, em Luanda. Viu rapidamente o seu cargo elevado a organizador dos torneios da Cuca que enchiam campos de futebol feitos de terra batida, onde dezenas de espectadores bebiam muita cerveja. A marca ficou tão conhecida que era normal alguém pedir “uma Cuca Nocal, por favor”, em vez de “uma cerveja Nocal”. Cuca era sinónimo de cerveja. A rivalidade entre as duas marcas resultou um dia num slogan da Nocal um pouco mais agressivo: “A Cuca ajuda a UPA, a Nocal ajuda Portugal.” UPA (União dos Povos de Angola) era um dos movimentos anticolonialistas.

“As pessoas diziam que ele tinha ideias progressistas”, diz Justino Fernandes. “Pequenino, mas um gigante. Sabia como fazer dinheiro, tinha um grupo bom de administradores.” Tinha

também bons funcionários, gratos pelos benefícios e pelo apoio a quem estivesse em apuros.

Adriano Moreira conviveu com Manuel Vinhas através de António Bustorff Silva, e foi por causa da admiração que tinha pelo colega advogado que ajudou por duas vezes Manuel Vinhas. A primeira foi em Angola e foi para resgatar um funcionário da Cuca. “Naquele tempo havia uma grande agitação”, relembra, “ele foi ajudar alguém que estava fora da província, teve dificuldades. Quando me procuraram, não foi para resolver um problema relacionado com ele. Acabou por ter de intervir o Presidente da República. Foi um ato de bondade de Manuel Vinhas, era generoso.” Esta história é provavelmente a do irmão de Justino Fernandes, Carlos, que foi preso pela PIDE em Angola, e que saiu graças à intervenção de Manuel. A segunda vez que Adriano Moreira ajudou Manuel Vinhas foi quando este já estava no Brasil, em 1975 ou 76, para salvaguardar algumas das empresas. O episódio é caricato porque Adriano Moreira disse que tinha a solução, mas que só avançava com o António Bustorff à sua frente, e então lá foi o velho advogado, com os seus 80 anos, de Portugal para o Brasil, e dali para a Suíça, em comitiva, onde foi tratado o assunto de forma legal e, segundo Adriano Moreira, inovadora, porque os próprios suíços replicaram a fórmula. Sobre o que foi salvo e de que maneira foi, não quis esclarecer, porque há segredos que se mantêm para sempre.

#### **QUEM TENTOU TRAMAR MANUEL VINHAS?**

A 13 de Abril de 1963, o jornal *Diário de Notícias* apresentava entre as suas páginas um anúncio que, apesar de pequeno, se destacava pela mensagem: “Grupo importante, conhecidos e honrados capitalistas propõe



financiar desenvolvimento MPLA, Lt<sup>a</sup>, em Angola contra garantias totais de salvaguarda das suas propriedades naquela província ultramarina. Respostas a M. Vinhas, Rua Afonso Henriques, 20 - Estoril.”

Não é preciso analisar muito a personalidade de Manuel Vinhas para saber que nunca iria anunciar num jornal a sua morada pessoal, muito menos com este conteúdo. O anúncio foi claramente um golpe e as suspeitas, com a devida distância cronológica, recaem sobre a PIDE, mas na verdade nunca saberemos quem fez chegar aos jornais estas palavras. Poderia ser igualmente uma estratégia de elementos de extrema-direita que reagiam desta forma às suas ideias demasiado democráticas. Não deixa de ser curioso o pormenor do Lt<sup>a</sup> a seguir a MPLA, como se de uma empresa se tratasse.

Antes disso, no dia 4 de abril, foi chamado à PIDE para um interrogatório, ordenado por Silva Pais e conduzido por Cunha Passo, Sílvio Mortágua e Inácio da Conceição. Foi um mês tenso para Manuel Vinhas. Um relatório da PIDE acusa-o de dar apoio financeiro à UPA e outro relatório refere apoio ao dirigente Holden Roberto (de um montante diferente). A 19 de abril de 1963, Raul Rosa Porto Duarte, subdiretor da PIDE, informava o diretor desta instituição sobre o conteúdo do dito anúncio, dizendo que “a sua redação é estranha porquanto parece querer referir-se à organização subversiva com sede em Leopoldville, denominada ‘Movimento Popular para a Libertação de Angola - M.P.L.A.’, e ao conhecido capitalista Dr. Manuel Vinhas, que tem grandes interesses financeiros naquela nossa província.”

A reação de Manuel Vinhas foi exposta nos jornais. Terminava com palavras desarmantes: “Continuarei, como até hoje, a dormir de consciência tranquila; a detestar cada vez mais as politiquices; cada vez mais apaixonado pela nobre condição de ser português, sejam as condições fáceis ou difíceis.”

A história deste anúncio tem antecedentes. A 6 de março do mesmo ano, o exaustivo 1963, uma circular da polícia política informava que estava proibida a sua saída da metrópole. Um ano antes, Manuel Vinhas tentara desafiar o regime, assumindo a sua posição no livro *Para um Diálogo sobre Angola*, editado em março de 1962, no qual dispõe sem pudor as suas opiniões sobre os desenvolvimentos em Angola. Manuel Vinhas



DR. ARQUIVO DE RIBEIRO CRISTÓVAM

**Marcante** A primeira edição da Miss Angola foi em 1971, com o patrocínio da Cuca. A publicidade da marca fez História. Ao lado, anúncios de época da Cuca e Skol. Eusébio protagoniza um deles

## Um bar antirracista

Luanda está cheia de histórias, umas antigas, outras que dizem respeito à História contemporânea. A ocupação portuguesa é prolífera nesse aspeto. Uma delas foi contada por Dionísio Rocha e está relacionada com um episódio que envolveu o fundador da Cuca. Além de sustentar o consultório de Agostinho Neto, houve uma outra ajuda, tudo no bairro onde Dionísio vive e sempre viveu. Havia um bar chamado América que não aceitava negros ou mestiços. Manuel Vinhas construiu outro na mesma rua, gerido por William Toné. Chamava-se Ngola e foi inaugurado pelo conjunto Ngola Ritmos. Só vendiam Cuca e conhaques. Tinha um aviso em grande destaque: “Servimos Todas as Raças.”

desde cedo compreendeu o processo histórico que estava a ocorrer naquele país, e depreende-se pelos testemunhos atuais e registos da PIDE da época que houve uma tentativa de contactar com dirigentes nacionalistas. É difícil saber quais, mas concluiu-se pela leitura do livro que Holden Roberto não seria um deles, mas sim um opositor, Mário Pinto de Andrade.

“Seria estúpido e imoral ignorar este estado de coisas, e nada mais há a fazer que não seja enfrentá-lo alegremente na medida em que fomos os seus provocadores”, escreveu. Palavras que, naturalmente, não caíram bem ao Estado Novo. Assim como as referências à necessidade de descentralização e à falta de planificação no crescimento de Angola: “O governo português não tem dado boas provas de orientação económica.” “Os homens que resolveram o problema do terrorismo serão, amanhã, com a sua maneira de pensar, o novo problema.” Não podia estar mais certo. A segunda edição do livro, de outubro de 1962, foi apreendida pela PIDE. Alguns exemplares ainda escaparam pela mão do administrador Martins da Costa, cerca de 250 foram levados para Angola, como se conta no livro *Negócios Vigíados*, uma obra que revela a relação de grandes empresários com o poder durante a ditadura, escrita por Filipe S. Fernandes e Luís Villalobos (Oficina do Livro, 2008).

O caso foi arquivado no fim de 1963. Mas as suspeitas não, como era típico



**SKOL** refresca o mundo

SKOL é a única cerveja internacional  
permeabilizada largamente de carbono.  
Por isso é digerida com facilidade.  
Experimente-a e depois a saúde agradece.  
Ela pede só para beber. Beba SKOL.

**SKOL**

a CERVEJA Internacional



da polícia política. Em julho de 1964, o comandante do posto da PSP de Cascais recebia uma declaração da PIDE que dizia (*ipsis verbis*): “Tem bom idoneidade moral e, quanto à sua conduta política, apenas consta que, em Angola, teve ‘qualquer coisa’ desafeto à actual Situação, não me sendo contudo possível saber o que nisto há de verdade ou se não passa apenas de um boato sem fundamento.” O pedido de informação seria primeiro para licença e porte de arma (para caça) e depois para “efeitos de aprovação dos Corpos Gerentes da Federação Portuguesa de Lawn Tennis”, um dos seus desportos preferidos. A mesma informação foi solicitada para aprovação na integração dos corpos gerentes do Clube Atlético de Luanda e para sócio do Centro Português de Bailado, para obter informações sobre o “ambiente político”. O Centro de Bailado era um exemplo de como o binóculo da polícia do Estado funcionava, por ser subsidiado pela Fundação

Calouste Gulbenkian, entidade que “também dedica um carinho especial a tudo o que é adverso ao actual regime”, como escreviam num relatório de 1962 onde consta o nome de Manuel Vinhas.

Eram habituais estes escrutínios por parte da PIDE e da PSP, mas não foi isso que impediu Manuel Vinhas de se envolver em diversas iniciativas e atividades. Mesmo sabendo que cada passo seu era observado. Na verdade, desde que demonstrou, nos anos 1950, vontade de construir uma fábrica de cerveja, ouviu “atónito”, que “o Dr. Salazar não era partidário de que se criassem interesses nas colónias”, como conta em *Profissão Exilado*. Há quem diga que em Luanda esta vigilância era ainda mais apertada, mas para Manuel Vinhas não seria tanto assim. O seu amigo Victor Pinto de Sousa afirma que “o inspetor da PIDE em Luanda, São José Lopes, tinha uma grande admiração pelo Manel. Em vez de o destruir, reconhecia que ele tinha razão, acreditava em muito do que ele dizia.”

Na lista denominada pela PIDE de “Independentistas”, aparecem os nomes de Manuel Vinhas, António Garcia de Castilho, Venâncio Guimarães Solembo, Baptista Borges e Oscar Vieira

**ERA UM HUMANISTA  
METÓDICO,  
COM INTERESSES  
QUE IAM ALÉM DE  
ACUMULAR MILHÕES.  
ENCHIA UMA SALA  
COM A SUA GRAÇA**

da Costa. Estes dados fornecidos pela delegação da PIDE em Luanda datam de 10 de maio de 1965. Referem um “manifesto” do grupo “para incitar as massas”, mas pouco mais desenvolvem sobre as suas atividades. Em 1966, um novo relatório da PIDE dava continuidade às suspeitas de estar “envolvido em 1961 nos assuntos das chacinhas de Angola, tendo contribuído para as causas dos terroristas.”

### HOMEM DE DIÁLOGO

Um dos grandes mistérios que envolvem a vida de Manuel Vinhas é o seu apoio aos movimentos de libertação em Angola. Até onde foi esse apoio? Para muitos, foi também financeiro. Segundo a apertada vigilância da PIDE, esta suspeita começou em 1963, coincidentemente após o ano de publicação de *Para um Diálogo sobre Angola*.

Dos boatos, relatados pela PIDE, constava um valor entregue numa viagem à Rodésia e um cheque que mais tarde teria sido entregue em Leopoldville. Sobre a sua veracidade, provavelmente nunca se saberá. Dois relatórios dão conta de apoio à UPA, ambos em abril de 63, um que refere a entrega de cinco milhões de escudos, outro em que um agente da PIDE se engana no nome e diz que “José Manuel Vinhas” terá entregado 17 mil contos ao “Roberto Preto, para garantir que, no caso da vitória dos terroristas, os mesmos não tocarão nos bens (...)”. Podiam ser, eventualmente, mais golpes para o incriminar. No entanto, segundo várias testemunhas, o seu apoio não se reduziu à escrita de um livro. O facto de a sua secretária pessoal ser Maria de Jesus Haller ajuda a chegar a essa conclusão. Segundo Hermínio Escórcio, por exemplo, o contributo ao MPLA foi através da secretária. A viagem a Leopoldville foi para se encontrar com Maria de Jesus e o marido, Jean Haller, ambos com ligações a Mário Pinto de Andrade. Manuel Vinhas foi padrinho de casamento do casal e foi essa a justificação que deu para a visita.

“A PIDE sabia que ele era um membro ativista”, afirma Dionísio Rocha. “Quando o Manel foi proibido de estar cá, não foi pelo livro. O primeiro cheque que apareceu como subsídio dele era para o MPLA, um valor exorbitante, não faço ideia quanto, foi descontado aqui no banco.” Perto da casa onde Dionísio mora, a cerca de 500 metros, ficava o consultório de Agostinho Neto, que segundo Dionísio, era pago por Manuel Vinhas: “O Agos-



CORTESIA © FUNDAÇÃO JÚLIO POMAR/SPA

## O retrato de Júlio Pomar e o coração

A amizade entre os dois era de longa data e levou Manuel Vinhas a visitar o atelier de Júlio Pomar, em Paris, várias vezes. Tinha uma admiração enorme pelo artista, que a dada altura lhe pintou o retrato. No quadro ainda existente, de grandes dimensões, no lugar do coração está uma mancha vermelha. Manuel Vinhas achou curioso esse pormenor, mesmo antes de saber que seria operado ao coração, de forma inesperada. Foi numa viagem aos Estados Unidos da América, na década de 1960, para acompanhar o amigo Caetano Beirão da Veiga, que não falava inglês e tinha uma consulta marcada com um cardiologista.

Manuel aproveitou para fazer um *check-up*. Acabou por ser operado de urgência e o amigo não. Anos depois, nos momentos anteriores à operação à vesícula, na carta que escreveu antes de morrer, Manuel Vinhas dizia que delegava pela segunda vez no amigo Caetano a tarefa de guardar a sua mensagem. "Já que da primeira deu sorte e o destino te continua a cruzar com os meus nada queridos 'bisturis', aqui ficam dirigidas à minha Família algumas palavras muito sucintas que serão o meu adeus, se o destino o quiser." E o destino assim o quis, ou a incúria. Morreu em 1977, no Brasil.

tinho Neto não tinha dinheiro, dava consultas diárias gratuitamente. Manel Vinhas mandava, por um de nós, eu fiz muitas vezes, levava duas caixas de cervejas, eu fingia que não sabia o que estava lá, mas era dinheiro."

### SEM CHÃO PARA PISAR

Em abril de 1974, na tarde do dia 25, Manuel Vinhas encontrava-se em Angola, a conversar com Justino Fernan-



des: "Estávamos a andar no pátio da fábrica, a falar sobre a intenção dele de fazer mais uma fábrica de cerveja em Benguela. Era uma pessoa que gostava de falar comigo informalmente, fazer umas perguntas... Apareceu um contínuo a correr, subiu, e nunca mais o vi."

O mesmo Justino Fernandes mais tarde, durante o período da Independência, ascendeu a diretor nacional da Indústria Alimentar, depois vice-presidente da Indústria, depois ministro da Indústria, até chegar a assessor de José Eduardo dos Santos. A pergunta inevitável para Justino Fernandes, e para todos aqueles que reconheciam em Vinhas um homem democrata, que defendia a autodeterminação de Angola, é qual a razão de ter sido esquecido por todos os que ascendiam ao poder. Eram pessoas que o conheciam, que foram apoiadas por ele, incluindo Agostinho Neto. Porque não foi defendido? A resposta é quase sempre lacónica: "A direção das empresas desmoronou, abandonaram tudo, foram-se embora, o Estado tinha de tomar conta", diz Justino Fernandes. Mas era possível ficar? Não, não era. Nem para Manuel Vinhas, nem para o seu filho Manuel, que esteve mais uns meses em Luan-

da, até perceber que o caos em que se encontrava o processo de descolonização era demasiado arriscado. Muitas balas perdidas, muito ódio aos brancos, muita incerteza no jogo de protagonismos entre Portugal, o MFA e os movimentos de libertação. Dionísio Rocha é um dos que consideram que esta injustiça não pode passar incólume. Já na altura pensava, e talvez essa tenha sido uma das razões que o levaram a estar dois anos presos (desde 1977), sem aparente justificação. Uma das coisas que lhe perguntaram era a razão de ter escolhido um branco, o produtor Luís Montez, para padrinho de casamento. Sobre Manuel Vinhas e o período pós-25 de Abril, diz: "Além de ser esquecido, quase que o agrediam. Quem tentou dar apoio foi preso também. Depois do 25 de Abril houve o famoso 27 de Maio. Não há família que não tenha alguém que foi castigado. Nem todos os que estiveram presos eram de facto culpados pelo 27 de Maio. Em Angola, depois de 75, todos queriam ser presidentes, todos queriam mandar, estar bem na vida. Ocorreram situações muito graves. Hoje, digo isto à vontade, até há dois anos, era milagre estar a falar nisto. No Banco Inter-Unido

Quando o homem se acha  
 sobre prado o favor  
 De um jardim, por minha volta  
 O resto de estes talhada  
 Foi-te o resto do colar do  
 De madrugada já alto

Quando fui ao Tompeiros  
 Não vias nada de tão grande  
 Nem cubra cheneida  
 Foi o papel de melacida  
 Deu-te em cubra de modo  
 É assim = melacida

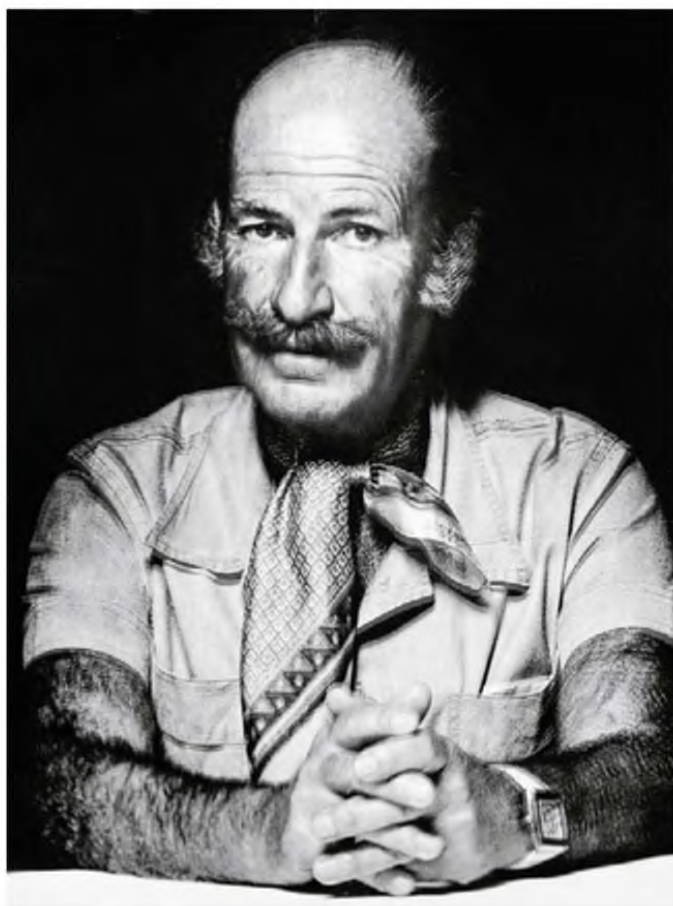
Apresento a revista  
 Para te falar de modo  
 Que oitem me deu o melhor  
 Que é isto de melacida  
 De se cantar com cocho  
 Para as suas melacidas

Vos maior melacida de Tom  
 Falta-me preparação para a apresentação  
 Melhor assim que aqui há. Vós que a sabedoria  
 Tem um bom gosto. Voube-me os pontos de melacida

É o tal como o mundo inteiro  
 Visto a corte de desleixo  
 É o meu mundo de labeta  
 Rote de um com o meu cocho  
 Não chepare, se não ao grande  
 Você quebra com a ceiroja

Fadista por condição  
 Visto meio de omissão  
 Que me foi dado o caução  
 Era bem mais desgracado  
 De não me pagar sem modo  
 Em troca de um cantar

Que seis que em todo o mundo  
 Coudo que não se consegue  
 Se não são os ajudas  
 Sem um a condão de mais modo  
 Por seu signora a herde  
 É preferir-se para pagar



**Amizades**  
 Em cima, um poema escrito por Amália Rodrigues para Manuel Vinhas. No lado esquerdo, o escritor Luiz Pacheco, a quem durante muitos anos Manuel Vinhas pagou a renda de casa e comprou máquinas de escrever

tive muitos colegas que iam embora no primeiro avião, diziam: ‘Fica com o meu carro.’ Recebi uns três ou quatro carros de amigos, fiquei com um BWM, um Suzuki, um VW, e eu tinha um Ford Escort 1300, também patrocinado pelos Vinhas.”

O ambiente na fábrica tornou-se insustentável. O grande império da Cuca manteve-se durante mais um ano com alguns administradores, entre eles Mattos Chaves, que foi salvo por Agostinho Matos quando o seu carro já estava a ser abanado por um grupo de pessoas no pátio interior da fábrica. Agostinho conseguiu que ele escapasse, e foi a última vez que o viu.

Entretanto, Manuel Vinhas saía de Portugal a monte pelo Alentejo, da mesma forma que muitos antifascistas o tinham feito durante a ditadura, através da herdade do amigo José Manuel Martins. Quem o conta é Victor Pinto de Sousa, que se juntou a ele algumas vezes em Madrid e em Paris, tal como Concha.

Mais tarde, acabou por cruzar o oceano, rumo ao destino de muitos exilados. Foi no Brasil que encontrou o seu pedaço de Angola, foi nos baianos que reviu as feições dos angolanos, tal como o seu amigo pintor

Neves e Sousa. Não quis aceitar cargos em empresas, não quis sequer juntar-se ao séquito de saneados. De vez em quando, ia à Europa tratar de assuntos pendentes. Adriano Moreira foi um dos que estavam também no Brasil durante essa altura, como professor universitário no Rio de Janeiro, e conta que Manuel Vinhas “foi para a Baía, tentar desapegar-se do mundo”. Talvez essa seja a melhor maneira de resumir o espírito que se elevava em Manuel Vinhas durante o seu curto exílio no Brasil, o desapego. Instalou-se inicialmente em casa de Vinicius de Moraes em Itapoã. “Tenho agora 55 anos. É tarde para iniciar uma nova vida; mas tempo certo para aproveitar da experiência passada, construindo

## AMÁLIA E VINICIUS DE MORAES CANTARAM E DECLAMARAM PELA NOITE FORA, NUM SERÃO NA HERDADE DE MANUEL VINHAS

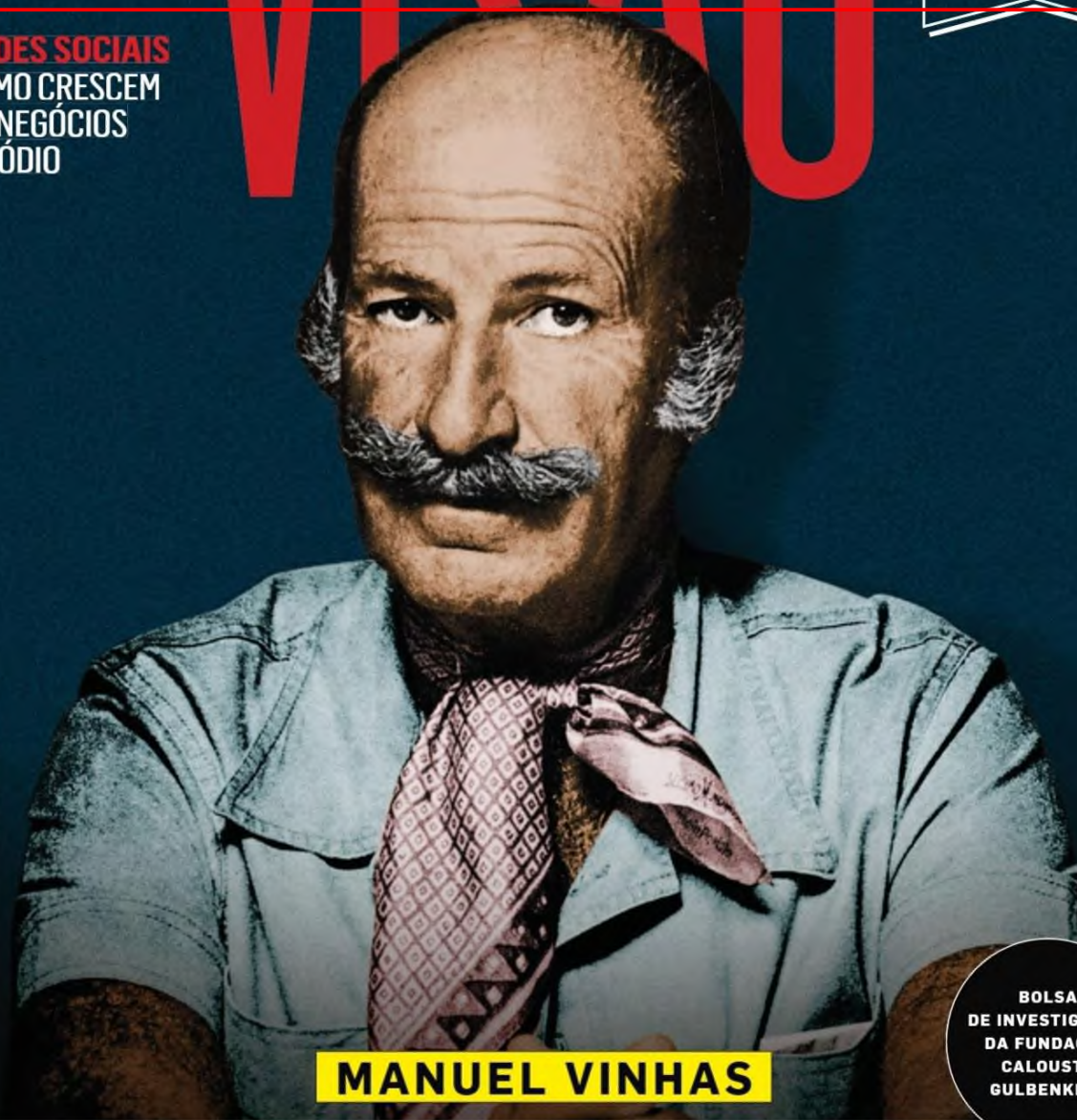
um futuro diferente.” “Estou cada vez mais atento ao balançar dos coqueiros e menos interessado na multiplicação das chaminés fabris. Obrigado revolução. Revolução em que pus a maior esperança e me trouxe as maiores desilusões.”

Um ano depois, em 1977, foi operado à vesícula no Rio de Janeiro. Deixou uma carta dirigida ao seu amigo Caetano Beirão da Veiga, com palavras para Concha e cada um dos filhos. Como se fosse um adeus, caso alguma coisa corresse mal. Não foi uma premonição, foi mais um ato de generosidade, a juntar-se a todos os que teve ao longo da vida. O pós-operatório complicou-se com uma paragem cardíaca mal acompanhada. Do enorme legado que deixou, ficou o património afetivo ainda por transmitir. Como Agostinho da Silva escrevia no prefácio de *Profissão Exilado*: “Foi empresário, proprietário, administrador, negociador de acordos, e não sei que mais; faltava-lhe cumprir o dever primordial de nós todos: sermos o que somos; e, como o faz na humana e humanizadora atmosfera brasileira, homem de sorte, esse Manuel Vinhas.” Agostinho da Silva percebeu o que se passava: era o começo de uma nova vida. [visao@visao.pt](mailto:visao@visao.pt)

**MIGUEL OLIVEIRA**  
"QUANTO  
MAIS SE SOBE,  
MENOS AMIGOS  
SE TEM"

**REDES SOCIAIS**  
COMO CRESCEM  
OS NEGÓCIOS  
DO ÓDIO

# VISÃO



**MANUEL VINHAS**

BOLSA  
DE INVESTIGAÇÃO  
DA FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

## A VIDA FASCINANTE DE UM MECENAS INCÓMODO

O EMPRESÁRIO E FUNDADOR DA CERVEJA CUCA, EM ANGOLA,  
FOI UM DOS MAIS VIGIADOS PELA PIDE DURANTE O ESTADO NOVO.  
A HISTÓRIA DO HUMANISTA, VIAJANTE E AMANTE DAS ARTES, QUE FAZIA FESTAS  
DE ARROMBA COM AMÁLIA, VINICIUS DE MORAES E AUDREY HEPBURN

